

## **Memória e identidade nos sistemas de manejo e de produção do município de Maricá - Rj**

### **Memory and identity in the management and production systems of the municipality of Maricá - Rj**

Enviado em:06-03-2024

Aceito em:27-06-2024

**André Räbel<sup>1</sup>**

**Richieri Antônio Sartori<sup>2</sup>**

**Luiz Henrique Chad Pellon<sup>3</sup>**

#### **Resumo**

O presente artigo fará uma análise das transformações históricas, a partir da década de 50 do século passado, no âmbito dos sistemas de produção rural e do manejo dos recursos naturais, protagonizadas pela expansão urbana, que ocorre no município de Maricá, localizado no estado do Rio de Janeiro. Tais mudanças impactam sobre as comunidades rurais do município. O artigo analisa este impacto, sobre a identidade e a memória da população rural e sobre a paisagem. Serão apresentados relatos coletados em campo e será feita uma ponte com conceitos teóricos, analisados através de discussão filosófica, como a memória, identidade e as suas relações com o trabalho, os processos produtivos e a paisagem. Conclui-se que os conhecimentos tradicionais locais e o processo de formação da identidade/memória, precisam ser preservados e conhecidos, pois podem contribuir para um futuro alinhado com o meio ambiente, frente ao avanço urbano.

**Palavras-Chave:** Memória, Identidade, Paisagem

#### **Abstract**

---

<sup>1</sup>Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ecoturismo e Conservação (PPGEC) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Bacharel em filosofia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: andreraebel@gmail.com

<sup>2</sup>Doutor em Diversidade Vegetal em Ecossistemas Neotropicais pelo PPG-ENBT/University of Puerto Rico em 2014. Professor na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO) no curso de Ciências Biológicas. Vinculado ao curso de Mestrado Profissional em Ecoturismo e Conservação da UNIRIO, ao Mestrado em Engenharia Urbana e Ambiental do Departamento de Engenharia Civil da PUC-Rio. E-mail: chesesartori@yahoo.com.br

<sup>3</sup>Doutor em Ciências, Designer em Sustentabilidade (Gaia Education), Permacultor (UFSC), Professor Associado do Departamento de Enfermagem de Saúde Pública da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto-UNIRIO. Professor permanente do Mestrado Profissional em Ecoturismo e Conservação (PPGEC-UNIRIO) e da Especialização em Permacultura (UFSC). E-mail: luiz.pellon@unirio.br

The present article will analyze the historical changes in rural production systems and natural resource management since the 1950s, led by urban expansion in the municipality of Maricá, located in the state of Rio de Janeiro, Brasil. These changes have had an impact on the municipality's rural communities. The article analyzes this impact, on the identity and memory of the rural population and on the landscape. Accounts collected in Maricá will be presented and a bridge between theoretical concepts, analyzed through philosophical discussion, such as memory, identity and their relationship with work, production processes and the landscape, will be made. The conclusion is that local traditional knowledge and the process of the formation of identity/memory, needs to be preserved and known, as they can contribute to a future aligned with the environment, in the midst of urban advance.

**Keywords:**Memory, Identity, Landscape

## **Introdução**

O presente artigo tem como objetivo, analisar o impacto das mudanças históricas recentes, ocorridas no município de Maricá, localizado na região metropolitana do estado do Rio de Janeiro, sobre a memória e a identidade, no âmbito da produção rural e periurbana. Será apresentada primeiramente uma contextualização histórica baseada em pesquisa bibliográfica e também, em relatos de agricultores e moradores tradicionais, que foram coletados em saídas para campo e através do convívio, que se deram ao longo dos últimos anos. Num segundo momento, serão apresentados três relatos de agricultores tradicionais e moradores antigos do município. Serão indiretamente referenciadas opiniões e relatos de outros moradores, a fim de comparação, em questões específicas e pontuais. Realizada a contextualização teórica e da apresentação dos relatos de campo, será feita uma análise dos conceitos de memória, identidade e da paisagem, enquanto meio material no qual acontece a construção da memória e da identidade.

Os primeiros dois relatos dos produtores, aos quais serão dados os nomes fictícios de Angico e Cambucá, foram colhidos em alguns anos de convívio e amizade, mais especificamente entre 2019 e 2023, com a família de Cambucá, na mesma unidade de produção onde trabalhava Angico, através de um trabalho de recuperação de áreas degradadas com sistemas agroflorestais, em que o pesquisador atuou profissionalmente. Estes dois relatos não se deram num contexto de pesquisa acadêmica.

Os dados foram colhidos, principalmente por o um dos autores deste artigo ter em torno de vinte anos de memória pessoal, enquanto morador e visitante do

município e que, testemunhou em primeira mão algumas das transformações referidas no presente trabalho, tendo uma relação afetiva com o território. A necessidade de atenção e preservação de relatos como os apresentados neste artigo, se deram pela atuação de do autor no município, enquanto trabalhador rural e morador. Neste sentido, a memória sintetizada neste artigo, inclui também de certo modo a do autor, rememorando e trazendo o testemunho de terceiros, que por conta própria colheu por duas décadas. Algumas opiniões e relatos de moradores antigos e tradicionais, indiretamente referenciadas, são fruto da própria memória pessoal do autor e sua experiência.

O terceiro relato se deu num encontro, com o produtor ao qual foi dado o nome fictício de Guaritá, que aconteceu num contexto duplo, tanto profissional quanto científico. Profissional, por conta da atuação do pesquisador em alguns coletivos em Maricá, ligados à questão da agroecologia e em feiras, enquanto produtor, nos quais passou a conhecer e conviver com Guaritá. A saída para campo, na unidade de produção de Guaritá, se deu junto com o grupo participativo de certificação orgânica de Maricá (SPG) ligado à Associação de Produtores Biológicos do Estado do Rio (ABIO)<sup>4</sup>. Deste grupo específico, no período da visita, o pesquisador foi coordenador e membro da comissão de avaliação de conformidade orgânica e o produtor Guaritá, membro participante, sob avaliação de conformidade. Paralelamente, a saída a campo foi aproveitada para a realização do trabalho para uma disciplina, ligada ao programa de pós-graduação, cursado no primeiro semestre de 2023 e que foi utilizado como base para a escrita deste artigo.

Foram escolhidos estes três relatos, de outros possíveis, por estarem eles mais intimamente ligados ao tema do artigo e por serem mais recentes. Além disso, os três produtores em questão são tradicionais do município, sendo eles detentores de saberes associados aos sistemas produtivos locais. Para este artigo, não foram gravados os relatos e nenhuma pergunta específica foi feita aos produtores referenciados, tendo sido apenas memorizada a fala de diferentes conversas em diferentes ocasiões e posteriormente anotadas.

Em Maricá, existem atualmente apenas resquícios dos antigos sistemas de manejo e de produção rural. Estes se encontram, na sua forma mais tradicional, marginalizados, nos bairros mais afastados dos centros urbanos, nas áreas rurais e de morros de difícil acesso, que abrigam as florestas do município e suas principais

---

<sup>4</sup>O sistema SPG é um sistema participativo de garantia, no qual os próprios produtores fiscalizam e supervisionam os outros membros de cada grupo. Cada grupo é ligado a uma OPAC, um organismo participativo de avaliação de conformidade, neste caso a ABIO.

nascentes e cursos d'água. Os centros urbanos estão concentrados em torno da estrada RJ-106, que atravessa o município de leste a oeste, da praia, o principal atrativo turístico da cidade, e dos centros econômicos e administrativos de Maricá, ocupando as áreas mais baixas e planas do município, em torno das lagunas e do mar (MARICÁ, 2020).

Historicamente, aconteceu em Maricá uma gradual expansão urbana ao longo do século passado, principalmente a partir da década de 50, com o desmembramento de grandes propriedades e fazendas remanescentes da era colonial, o loteamento das mesmas e a especulação imobiliária que continua até hoje (HOLZ; SANTOS, 2015). Segundo Darcy Ribeiro em *O Povo Brasileiro* (RIBEIRO, 1995) a expansão urbana em núcleos urbanos espalhados a nível nacional ocorreu majoritariamente, no século passado, concomitantemente à industrialização do país. Da mesma forma, Maricá se consolidou enquanto núcleo urbano, a partir do desenvolvimento da região metropolitana do estado do Rio de Janeiro. Com isso, o trabalho produtivo rural em Maricá sofreu alterações significativas durante este período, gerando um acentuado declínio da produção. As formas locais de integração com a natureza e seu manejo, os saberes e identidades foram, conseqüentemente, atingidas por estas mudanças históricas.

Por meio da discussão teórica, a memória será principalmente analisada pelo seu caráter coletivo, uma vez que as identidades individuais estão atreladas à identidade coletiva mais ampla, na medida em que as condições sociológicas são historicamente determinadas (HALBWACHS, 1990). A memória, enquanto conceito filosófico e sociológico, será analisada sob as obras de dois autores, Maurice Halbwachs e Walter Benjamin. Ambos os autores, europeus, viveram entre o final do século XIX e a segunda metade do século XX.

Na filosofia de Halbwachs será buscado o caráter coletivo da memória, enquanto construção das identidades, conjunção das individualidades, que ocorre estruturalmente no presente (SANTOS, 1998). Na filosofia de Benjamin será buscado o caráter material e histórico da memória e das identidades, sustentadas historicamente pelo seu tempo e pelos processos técnico-produtivos no qual se dão.

Conjuntamente, será feita uma ponte das reflexões levantadas pela análise das obras dos filósofos, com o território no qual se dá a análise histórica da produção rural de Maricá, através do conceito do acoplamento estrutural descrito pelo agroecólogo brasileiro e contemporâneo, Walter Steenbock. A análise deste conceito, por meio da obra de Steenbock, permitirá uma compreensão mais aprofundada da relação material

entre o trabalho produtivo e as identidades produzidas por ele, no âmbito da relação metabólica da humanidade com a natureza, na história do Brasil e mais especificamente, de Maricá.

As reflexões a respeito da memória, da identidade e do trabalho, que ocorrem na paisagem, servirão como lente através da qual poderá ser contextualizada a situação da produção rural, no que diz respeito às pessoas que trabalham no manejo e na produção. Desta maneira a discussão teórica aponta que é de suma importância a preservação de grupos tradicionais para o meio ambiente e a sociedade como um todo, realçando a necessidade de se criar mecanismos sociais e formas de diálogo que garantam a sobrevivência e a permanência dos grupos, sua identidade e memória coletiva.

### **Contextualização Histórica**

Aconteceu em Maricá uma gradual expansão demográfica, que se intensificou ao longo da segunda metade do século passado e da sua história recente. Na década de 70, com a finalização da construção da ponte Rio-Niterói e com a chegada do asfalto e da energia elétrica, vindos de Niterói e São Gonçalo, houve ampla compra de grandes propriedades de terras para o desmembramento e loteamento, atraindo os primeiros veranistas, oriundos principalmente das cidades próximas, como Rio de Janeiro, Niterói e mais recentemente também São Gonçalo (HOLZ; SANTOS, 2015). Foram feitas obras de infraestrutura, como estradas e abertura de ruas, derrubando matas e avançando sobre a restinga, entre o mar, as lagoas e sobre a floresta, nos tabuleiros costeiros e antigas fazendas. Com a chegada de condomínios, loteamentos e empreendimentos privados, já aconteciam em meados do século passado, conflitos sociais e ambientais, como o declínio da pescaria tradicional nas lagoas e a mortandade de peixes, associados à urbanização da cidade, a administração dos recursos naturais e as mudanças climáticas., que se estendem até os dias atuais (MELLO, 2017).

Com o crescimento, e pela interconexão dos centros urbanos regionais, a economia e a oferta de trabalho passaram gradualmente a se reconfigurar e abandonar a produção rural e pesqueira, que já vinha em declínio ao longo do século XX, a ponto de hoje, apenas pequena parte da economia do município provir da agropecuária e da pesca (MARICÁ, 2020).

Houve um declínio e abandono das cadeias produtivas agrícolas e de extrativismo, evidenciado pelo sumiço de alambiques, casas de farinha e pela falta de cadeias de processamento e escoamento, coletivamente organizadas, que outrora eram comuns em Maricá, como a venda de lenha para as fábricas de tijolo e cerâmica do município de Itaboraí, ou como a comum prática de se levar produtos oriundos de Maricá, nas costas de animais, por um trajeto de 80km de ida e volta, para serem comercializados em Niterói, fatos relatados pelos moradores mais antigos do município<sup>5</sup>.

Contraditoriamente, através do declínio dos sistemas de produção, com a falta de mão de obra rural e da redução de pastos, aconteceu no final do século passado e início do século atual, uma certa regeneração ambiental em algumas áreas do município, de vegetação secundária, pioneira e invasiva, retomando lotes e ruas que aguardavam ocupação ou pastos e beiras de matas, com menos gado e gente trabalhando. Isto se torna evidente ao se comparar relatos de campo, registros fotográficos antigos, dados historiográficos e registros de imagens antigas de satélite do Google Earth. Não se trata, portanto, de uma regeneração ambiental profunda e abundante.

Apesar do gradual aumento demográfico, que já vinha acontecendo, na última década houve um novo impulsionamento da expansão demográfica, com a ocupação, venda e construção de casas nos lotes que restaram, reconfigurando novamente o rumo histórico, paisagístico e econômico do município e da região. No censo de 2000, foi estimado que Maricá continha 76737 habitantes, crescendo 12% até o ano de 2003, onde registrou 86083<sup>6</sup>. Segundo o censo do IBGE de 2022, Maricá está entre as dez cidades que mais cresceram no Estado do Rio na última década. Em 2010, a população era de 127.397 habitantes, 54% menor do que é atualmente, com 197.300 habitantes (IBGE, 2022). Niterói e São Gonçalo, em contrapartida, que são municípios vizinhos, encolheram 1.19% e 10.3% respectivamente (IBGE, 2022). O aumento demográfico dos últimos dez anos foi impulsionado principalmente pela repartição dos

---

<sup>5</sup>É comum escutar-se de moradores antigos e descendentes de produtores de outrora, a prática de realizar este distante trajeto para escoamento de produção nas cidades vizinhas.

<sup>6</sup>Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro. **Estudo Socioeconômico 2004: Maricá**. Coordenadoria de Comunicação Social, 2004.

royalties do petróleo<sup>7</sup>, da qual Maricá recebe atualmente 380 milhões a cada trimestre e que impulsionou a economia local (MARICÁ, 2023).

Com o acesso aos royalties, foram criadas diversas políticas públicas em diversos setores, como educação, saúde, transporte e promoção do desenvolvimento econômico municipal, incentivando a economia local, com uma moeda eletrônica social própria e com a acessibilização a universidades públicas e privadas. Segundo indicam os dados, Maricá continua o seu processo de crescimento populacional e urbanização, avançando cada vez mais sobre as áreas mais planas, favoráveis à expansão urbana e empurrando as áreas rurais e seus respectivos sistemas produtivos para as margens e morros<sup>8</sup>.

Até a história recente, com a expansão urbana e o declínio das cadeias produtivas, dos sistemas de manejo e de produção, aconteceu uma evasão do campo, principalmente dos mais jovens, que procuraram empregos, que passaram a se tornar acessíveis através da interconexão urbana, nas lojas e supermercados, ou no setor serviços, assim como ocorreu com a pesca, pela qual Maricá era propriamente conhecida, por ter sido importante fornecedora de peixes para as cidades vizinhas, cuja atividade caiu drasticamente a partir da segunda metade do século passado. O declínio da economia pesqueira e rural, junto com o avanço da especulação imobiliária e ocupação de terras para loteamento e veranistas, levou muitos trabalhadores a procurarem outras formas de sustento, principalmente como pedreiros, no crescente setor imobiliário (MELLO, 2017).

Aconteceu, portanto, o envelhecimento dos trabalhadores rurais, que atuam nos sistemas de produção, manejo e extrativismo, não passando mais adiante, de forma orgânica, os saberes e conhecimentos atrelados às atividades da produção e do manejo de recursos naturais. Os sistemas de manejo e produção permaneceram existindo, porém fragmentados, se comparados com os sistemas de outrora. A nova realidade econômica e demográfica do município, no entanto, tem nos últimos anos oferecido, enquanto projetos em desenvolvimento, uma possível reestruturação produtiva no município.

---

<sup>7</sup>Trata-se de compensação monetária paga à União, estados e municípios, por empresas que exploram o petróleo e que no Rio de Janeiro são atualmente repassados para alguns municípios como Niterói, Maricá, Saquarema, dentre outros.

<sup>8</sup>Na última revisão do plano diretor, foram destinadas à expansão urbana as áreas planas do município, deixando as áreas mais altas para conservação. Muitas destas áreas ainda não urbanizadas, são áreas que, ou são, ou já foram no passado utilizadas para agropecuária (MARICÁ, 2021b).

Desde o fim do lockdown da pandemia da covid-19, têm sido promovidas diversas feiras pelo município, além de programas econômicos emergenciais de proteção aos trabalhadores, durante o lockdown e depois. Para o desenvolvimento rural foram criadas diversas frentes de atuação, por meio de parcerias com universidades, cooperativas, organizações e com a fundação de empresas públicas de desenvolvimento, que nos últimos anos têm atuado no município, realizando pesquisas, oferecendo cursos, capacitações, assistência técnica e outros serviços, além de anúncios de projetos futuros para o fomento do desenvolvimento rural. Este cenário tem impulsionado principalmente a agricultura urbana e peri-urbana, de quintais produtivos e pequenas propriedades de terra, através da promoção de hortas urbanas e práticas de base agroecológica e recentemente também de projetos de desenvolvimento rural nas fazendas públicas compradas pela prefeitura<sup>9</sup>. Este impulsionamento à produção local tem trazido empresas privadas externas.

A maioria dos beneficiários destas políticas são de moradores urbanos relativamente recentes, que não estavam previamente inseridos nos sistemas produtivos do município e que passaram a ver a produção como uma alternativa de melhora de condição de alimentação e incremento na renda, como o programa Horta em Casa, uma parceria do ICTIM (Instituto de Ciência e Tecnologia de Maricá) e a COOPERAR (Cooperativa de Trabalho em Assessoria a Empresas Sociais em Assentamentos de Reforma Agrária), que oferece assistência para hortas urbanas de quintais de moradores. Faltam, dados quantitativos sobre a acessibilidade e participação às políticas públicas, serviços, cursos e capacitações, além de assistência, para os agricultores tradicionais e isolados das áreas rurais. Se estes têm se beneficiado das mudanças econômicas do município e das políticas públicas e se têm se adaptado, ou se permanecem realizando as mesmas atividades de produção à sua maneira, relativamente isolados e invisibilizados ou ainda, se tem continuado a desterritorialização, face ao atual cenário político e econômico.

### **Relatos de Experiências de Campo**

Os processos históricos descritos anteriormente não caíram sobre o território de maneira homogênea, cada bairro passando pelas mudanças descritas com suas

---

<sup>9</sup>Além da fazenda pública Joaquín Piñero, na qual ocorrem diversos projetos voltados para produção, foram compradas outras fazendas, como a fazenda Nossa Senhora do Amparo, na qual também estão atualmente sendo desenvolvidos projetos de desenvolvimento rural através de parcerias com universidades e órgãos do poder público.



próprias particularidades e exceções. Algumas opiniões e pontos de vista, cada uma à sua maneira, corroboram os dados históricos descritos e permitem um melhor entendimento do contexto histórico e social no qual estão inseridos os sistemas de manejo e de produção na atualidade. Em suma, a memória atrelada às mudanças e a realidade atual dos territórios, permite um entendimento mais aprofundado destes sistemas de manejo e de produção.

Cada um dos três relatos apresentados a seguir tem suas particularidades, tendo cada produtor e morador, a sua própria visão sobre as mudanças econômicas e históricas, partindo de significações e experiências diferentes em relação às mudanças, apesar de todos terem testemunhado a mesma história recente do município. As semelhanças entre os relatos, a respeito das mudanças na organização e divisão do trabalho, da reconfiguração da paisagem, das consequências do crescimento demográfico e da consolidação dos centros urbanos, ajudam a compreender o papel da memória, relacionada à antiga Maricá e ao seu processo de mudança, na significação e ressignificação dos territórios e das identidades, além do seu impacto sobre a permanência e a adaptabilidade dos sistemas de manejo e de produção, atrelados às comunidades rurais que destes sistemas diretamente dependem.

## **Angico**

O primeiro produtor, ao qual foi dado o nome fictício de Angico, atualmente não exerce mais a atividade da produção, por conta de sua idade já avançada. Ele atuou intensivamente como trabalhador rural, ao longo da segunda metade do século passado, até os anos recentes. Ele pratica ainda o plantio de quintal, em pequena escala de algumas plantas medicinais, comestíveis e frutíferas, como guandu, acerola e temperos. Ele pode ser visto com frequência, conversando na calçada com vizinhos, se apoiando em sua bengala de madeira.

Angico não é proprietário de terra, mas trabalhou durante muitos anos como meeiro, portanto, trabalhava em terras cedidas a ele, com o fim da subsistência e comercialização de excedentes. Durante os encontros com Angico, ele relatava como era Maricá no século passado e sobre como o município atualmente é outro, no sentido de que o anterior foi cessado, pela chegada da cidade e da urbanização. Ele entendia de forma crítica, que o pequeno produtor foi marginalizado durante o processo de urbanização. Ele relatou que não suportava ser explorado pelos patrões e

“marajás”, nos trabalhos e empregos das cidades e que, para ele, o ato de plantar era um ato de defesa, contra os ataques predatórios das classes dominantes que exploram o trabalhador pobre.

Angico, gostava de ficar sozinho no mato, trabalhando em suas roças. No Sítio por onde trabalhou por último, ele construiu uma pequena cabaninha de pedaços de madeira compensada e paus de árvores espontâneas da região, onde guardava suas ferramentas, sementes e mudas de roupa. Lá ele cozinhava, descansava e cochilava numa cama improvisada com tábuas, retornando para casa no final do dia, após encerrar o trabalho ou quando se sentia cansado. Na trilha que levava à cabaninha, ele espalhou bonecas e cabeças de bonecas, presas em árvores e arbustos, cuja finalidade não descobrimos. Mais adiante, adentrando nas matas do Sítio, pelas trilhas que mantinha abertas, conectando as áreas de roça, levava às vezes frutos, como abacates, que deixava na mata para, segundo ele, alimentar as cuícas<sup>10</sup>.

Sempre que Angico nos encontrava, também trabalhando, nos encorajava a procurar outras fontes de renda, pois entendia que plantar e viver da lavoura era uma vida que não levava a um futuro digno, sendo o trabalho na lavoura reservado aos pobres. Ele ficava, no entanto, feliz em ver jovens continuando o trabalho dos mais velhos, mesmo que para ele, o trabalho na roça significava pobreza e luta. Sempre que o víamos andando na calçada, pelas ruas do bairro já urbanizado, outrora rural, andava cabisbaixo, notando quem estava à sua volta, apenas quando era cumprimentado, por em parte não enxergar mais tão bem. Sempre abria um sorriso e perguntava: e a lavoura, como tá?.

Na roça, quando o encontrávamos aleatoriamente, começava a narrar suas memórias, quase como se estivesse esperando para conversar, relatando seus conhecimentos acumulados sobre plantas medicinais e seus usos. As conversas, iniciava sempre reclamando de seu corpo, que segundo ele, não funcionava mais do mesmo jeito que antigamente, afirmando estar fraco e ainda assim, realizando trabalho braçal pesado. Ele sempre ficava alegre e sorridente quando nos encontrava e contava piadas e rimas que repetia com frequência.

Angico via com receio o avançar da cidade sobre Maricá e preferia abrir trilhas na mata, entre locais de trabalho, e se locomover pelo terreno acidentado, do que andar pelas ruas barulhentas, cheias de veículos motorizados de pessoas desconhecidas “da cidade”, que segundo ele inundaram o município. Foi registrado, entre 2020 e

---

<sup>10</sup>Mamífero marsupial nativo da mata atlântica, de pequeno porte e com hábitos noturnos e arborícolas.

2022, de forma resumida e incompleta, em ao menos três oportunidades no campo, um relato de Angico: “Não gosto de cidade não. Eu gosto de mato, de lavoura. Nós que somos pobres, temos que nos defender. O pobre que faz a própria lavoura, que trabalha a terra, tá se defendendo. A gente é sofrido na mão do rico. trabalhamos a vida inteira, nascemos trabalhando e morremos trabalhando. Mas eu não trabalho pra rico não. Tá tudo na mão do grande, rico não gosta de pobre não. Agora mudou tudo. A cidade vem aí, acaba tudo. A gente não é mais livre, nem pra cortar uma madeira. Antigamente chovia três vezes todo mês, agora fica três meses sem chover, não tem mais água. Antigamente em qualquer lugar que você fazia lavoura, colhia, agora só tem doença. Não tem bicho na mata mais. Não cria mais água”.

Este relato foi reconstituído de frases e fragmentos de três conversas casuais que aconteceram durante uma experiência de trabalho de produção agroflorestal, na mesma unidade de produção onde o Angico tinha suas áreas de roça, plantio e extração.

## **Cambucá**

O segundo caso é o de uma família antiga do município, descendentes de um produtor que faleceu no início deste século, cuja memória é mantida em forma de frases e histórias, guardadas pelos seus descendentes, que atualmente são os proprietários da unidade de produção na qual Angico era meeiro e na qual aconteceram algumas das observações anteriormente descritas.

A este falecido produtor será dado o nome fictício de Cambucá. Ele é lembrado como um senhor de idade, nascido no início do século XX, descendente, junto com seus irmãos, de um ex-escravizado, que comprou sua própria terra no início do século passado, fato guardado com orgulho pela família. Cambucá foi o último produtor e agricultor da família, também tendo sido a produção rural gradualmente abandonada em suas terras. As gerações posteriores foram procurando outras formas de sustento na cidade crescente. Atualmente, no entanto, com a nova realidade do município, o neto do Cambucá tem retomado aos poucos a produção e o manejo da terra.

Em sua juventude, Cambucá fora principalmente pescador, tendo a agricultura como forma complementar de sobrevivência pela subsistência e tendo recorrido a ela como forma principal de sustento, possivelmente pelo agudo declínio da pesca nas lagoas de Maricá, a partir da década de 50, como descrito por Marco A. da Silva Mello, em *Gente das Areias* (2017), só para ver os sistemas rurais de produção sucumbirem

à expansão urbana. Segundo a família, Cambucá passou a ter uma vida mais assentada na produção rural e menos pesqueira, quando se casou, teve filhos e constituiu família.

Contam os filhos de Cambucá, de como a feira central da cidade foi sumindo e decaindo ao longo da segunda metade do século passado, conforme chegaram os supermercados e sacolões. Momento histórico este, no qual, segundo eles, passou-se a ter acesso a produtos industrializados, trazidos de fora. Foi registrada uma frase que retrata bem essas mudanças sociais, associada a Cambucá, utilizada pela família para descrever o impacto deste “boom” demográfico que ocorreu a partir da década de 50, no município: “Antigamente, nada acontecia, todos os dias eram iguais, e de repente, começou a acontecer tudo”.

A feira central da cidade era o principal local de encontro, venda e compra dos produtos necessários à sobrevivência, de comida, roupa e utensílios, assim como o mercado de peixes, que atualmente não existe mais. Cambucá era, junto com os familiares, feirante, tendo a feira como espaço de escoamento de sua produção e como forma de sustento da família. Participavam da feira diversas barracas que comercializavam produtos inclusive, dos municípios vizinhos, como Itaboraí. A feira ocupava uma praça no centro da cidade e ela foi gradualmente diminuindo, até ser transferida para a rua atrás do terminal rodoviário da cidade, onde existiu até o início dos anos 2000, porém totalmente descaracterizada, até o seu desaparecimento total.

A família de Cambucá relata, que com o declínio da produção, generalizada no município e com a competição com sacolões e supermercados, que o velho produtor andava pelas ruas da cidade, com sua produção, ou levando-a para Niterói, a pé ou de ônibus, procurando escoar a mesma. No final, o que lhe restou de recurso para a sobrevivência, foi a extração e venda de areola<sup>11</sup>, a própria camada superficial do solo que utilizava para cultivar, uma vez que o cultivo já não rendia mais o sustento necessário. A areola utilizada para construção, que aumentou drasticamente com a urbanização, foi extraída em todo o município, sendo muito comum este tipo de relato e tendo famílias inteiras sido sustentadas pela extração da mesma, fato que ainda acontece nos dias atuais.

O produtor Angico relatou, num dos nos encontros tidos com ele, algumas memórias de Cambucá. Quando encontramos Angico numa ocasião, apontou para os morros atualmente cobertos de floresta e dizia, que do ponto em que estávamos, dava

---

<sup>11</sup> Termo regional para se referir à camada superficial de solo, uma mistura de areia, argila e matéria orgânica, que é utilizada como material de construção. A areola é peneirada e adicionada à mistura de massa. É um material de baixa qualidade para construção, mas barato, por ser extraído localmente.

para ver Cambucá com seu jumento cortando lenha, que seria levada para Itaboraí, para servir para queima dos fogões das fábricas de tijolo e cerâmicas. A família de Cambucá ainda guarda hoje um antigo documento do governo municipal, autorizando a extração e o corte de madeira na terra da qual era proprietário.

Cambucá tinha uma grande variedade de roças, plantando quiabo, milho, pimenta, cana-de-açúcar, dentre outros. Ele criava porcos num chiqueiro cuja estrutura de cimento ainda pode ser encontrada abandonada na mata. Ele e a família faziam amplo uso de plantas medicinais que cresciam espontaneamente ou plantadas, como as folhas do guandu, que segundo os familiares Cambucá utilizava com frequência, através de diversas formas de preparo. Segundo relatos, fazia muita enxertia de cítricos variados, utilizando as variedades mais resistentes como base e que cujos resquícios ainda podem ser encontrados na mata regenerada. Em suma, toda a base produtiva, como mencionado, foi se deteriorando e sendo abandonada, indo junto com ela os saberes a ela atrelados. Atualmente a família ainda faz uso do conhecimento de outrora, como das plantas medicinais, mas de forma complementar à medicina moderna e não como forma principal de sobrevivência e cura.

A família relatava que o Sítio dava trabalho a muitos homens, que vinham trabalhar nas amplas roças. Homens apareciam na porteira, perguntando por trabalho, que sempre tinha de sobra. Todos os dias era preparada uma farta refeição à lenha e banha de porco produzida localmente, para alimentar os trabalhadores rurais. Um dos irmãos de Cambucá, também já falecido, criava gado numa parte separada do Sítio. Cambucá criava galinhas soltas e segundo a família, sair para procurar ovos era uma atividade dada às crianças. Atualmente apenas algumas cabeças de gado são criadas num cercado cedido a alguém externo à família que não cria mais animais, além dos domésticos. Segundo os relatos, eram retirados caminhões de produção do Sítio. Numa outra parte das terras do Sítio, os descendentes de irmãos de Cambucá ainda criam gado e cavalos, além de cultivarem a banana.

Em relação ao manejo e coleta da água, havia um córrego perene, no qual corria água o ano todo e existiam, em zonas de descarga hídrica entre os morros, sistemas para captação de água e valas abertas manualmente para drenagem, cujos resquícios podem ser encontrados na mata regenerada. Atualmente apenas corre água quando chove, estando o leito assoreado com sedimentos e matéria orgânica, que naquela época era aberto com enxadas e pás. Os sistemas de captação de água, que consistiam em semi círculos construídos de pedras por onde era possível coletar água, estão totalmente secos na atualidade. Nesta parte importante do Sítio, por ter

sido a principal fonte de água da família durante o século passado, houve uma disputa de terra, em que grileiros armados tomaram parte da terra à força, dividindo o Sítio. A cerca colocada irregularmente naquela ocasião, ainda é a divisória oficial com terras vizinhas até hoje. Os herdeiros do grileiro, abandonaram a terra tomada à força, estando esta também sob processo de regeneração natural, sujeita a ser de alguma forma reintegrada à expansão urbana, servindo atualmente apenas como pasto para cavalos.

O fenômeno da grilagem e tomada de terra de forma ilegal, é comum no Brasil todo, até os dias atuais. Maricá não ficou isenta deste tipo de prática, estando famílias mais pobres, que possuem terras, sujeitas a resolução de disputa de terra por tomada à força, por aqueles que detêm poder político e econômico. Existem no município famílias tradicionais de trabalhadores rurais, cujas terras estão sob risco, tendo em vista que não tem documentos atuais das terras, tendo as famílias, somente documentos antigos em nome de membros já falecidos das famílias, cujo inventário nunca foi feito. Estes fatos despertam angústia nos membros e ocupantes vivos das terras, sob a perspectiva de perderem o direito legal sobre as terras nas quais estão construídas suas memórias, identidade e em alguns dos casos, formas de sustento.

Os membros mais antigos da família de Cambucá relataram ainda, as transformações que o bairro onde vivem passou desde metade do século passado. A estrada principal do bairro, contam, passava dentro da propriedade, tendo sido autorizada sua construção pelo pai de Cambucá, em acordo com o poder público local. Antigamente toda a locomoção era feita em trilhas e caminhos, já que não haviam estradas para carros. O transporte se dava principalmente por animais de carga, a pé ou de bicicleta. Havia membros na família de Cambucá que sabiam manufaturar artesanalmente os cestos de bambu e fibra vegetal, chamados de Jacás, conhecidos como Balaios, que eram amarrados em animais de carga e que cujas técnicas se perderam. As trilhas de acesso passavam por córregos onde hoje passa a rua principal e que não existem mais. Com a construção das estradas chegaram as empresas de loteamento e a família relata ainda que Cambucá ajudou como guia, para estabelecer o prumo das cercas e limites das terras compradas por uma empresa que chegou no município para lotear terras e que cujo nome ficou em parte do bairro até hoje.

A família relata que no bairro existia uma casa de farinha, para processamento do aipim e que no sítio era consumida a cana-de-açúcar, base para preparo e adoçamento do café de cana, hoje vendido pelo neto de Cambucá, em feiras da

cidade. Antigamente, Cambucá levava cana para alambiques na cidade onde era preparada a cachaça, o melado e o melaço que eram comercializados. Os derivados da cana, naquela época, eram a única fonte de açúcar, tendo o açúcar branco, assim como o leite de caixinha e o óleo de soja chegado posteriormente, com a chegada dos supermercados.

O neto de Cambucá relata que lembra do avô ainda vivo, capinando parte do morro sozinho, no sol, mesmo com idade avançada. Capinava o dia inteiro, mesmo lhe faltando alguns dedos de uma mão, que perdeu num acidente de trânsito. O produtor Angico relata que conforme Cambucá envelhecia ficava cansado de trabalhar e que assim como ele, gostava de ficar sentado numa cadeira deixada na lavoura, pensativo, observando a paisagem, até os seus últimos dias.

### **Guarité**

O terceiro produtor foi visitado, em duas visitas de avaliação de conformidade orgânica, entre junho e julho de 2023, de um grupo participativo de certificação ligado à ABIO, a associação de agricultores biológicos do estado do Rio de Janeiro. A este produtor foi dado o nome fictício de Guarité. A visita de avaliação de conformidade orgânica tem a finalidade de verificar se as declarações de produção para emissão de certificado estão de acordo com a realidade verificada pelo grupo na unidade de produção. Durante a visita de avaliação acontece uma visita guiada pela unidade de produção, na qual são explicados os métodos e o passo a passo da produção como um todo. Na ocasião das visitas, o autor foi membro da comissão de avaliação do grupo de certificação de Maricá.

A unidade de produção do Guarité encontra-se num topo de morro, que conecta duas serras, de difícil acesso, dentro das áreas rurais do município. A propriedade passou por um processo de regeneração vegetal e crescimento de capoeiras, conforme o sistema de manejo aplicado pelo agricultor, na última década, que faz uso de técnicas tradicionais de coivara, de pousio, rotação de cultura, de acordo com os ciclos do sol, da lua e da chuva, utilizando variedades de culturas e sementes locais, que permitiu o ressurgimento de nascentes anteriormente secas.

Guarité, é agricultor tradicional, nascido em Maricá, cujas gerações anteriores praticavam a agricultura e lhe passaram parte dos conhecimentos que carrega atualmente e que utiliza para plantar. Sendo ele mais novo que os produtores Angico e Cambucá, da mesma geração dos filhos de Cambucá, teve acesso a outras formas de

se aproveitar do aumento demográfico, oferecendo serviços, vendendo seus produtos diretamente ao consumidor, permanecendo na produção rural e na pecuária, dando continuidade, de alguma maneira, às atividades herdadas das gerações anteriores.

Guaritá, relatou em uma das visitas, que entende que a expansão demográfica, apesar das mudanças, das quais muitas negativas, trouxe oportunidades econômicas, que o morador inexoravelmente deve aproveitar. Ele contou numa ocasião, sobre o crescimento da cidade, que “andando no centro de Maricá ficava com o braço cansado de tanto cumprimentar as pessoas na rua”. Hoje, teria que fazer esforço para reconhecer as pessoas no centro. Conhecia-se todo mundo, assim como relatou o produtor Angico “antigamente até o prefeito se podia encontrar na calçada e cobrar diretamente dele as melhorias”.

Guaritá é, assim como Angico e assim como foi Cambucá, um mateiro que sabe identificar diversas árvores e ervas nativas, e que também, assim como Angico, sentia-se bem mesmo no mato. Andando com ele pela propriedade, dizia ele ser muito sensível às coisas invisíveis, sensibilidade que as pessoas urbanas da cidade não tem, como sentir abaixo da terra onde tem água próxima da superfície.

Ele enunciou durante a visita o nome de plantas, árvores e divisas dos terrenos, contando o nome dos vizinhos e das suas atividades produtivas, além de animais silvestres, que via com frequência, como jararacas, quatis, raposas, dentre outros. Como rotineiramente estava sozinho na mata, mantinha o hábito de permanecer em silêncio, para poder captar da mata e do ambiente sinais de animais, como cobras, além de outras coisas. Guaritá é, assim como Angico parecia ser, muito supersticioso, sendo muito emotivo e receptivo em relação ao meio e seus sinais, com o qual mantém um íntimo relacionamento de afetividade.

Além dos conhecimentos tradicionais da roça, Guaritá guarda memórias da Maricá rural, do passado e de histórias locais, muitas vezes ligadas ao místico, como o aparecimento de criaturas estranhas à noite e miragens, como a lenda da bola luminosa que paira sobre as florestas à noite, tendo esta sido relatada por diversas pessoas. Tais relatos são comuns em moradores antigos, da época em que a intimidade com o ambiente e os significados construídos continham um modo de expressão poético, místico e, como diz Guaritá, sensível. Relatos parecidos podem ser acessados pelo trabalho de Marco A. da Silva Mello, em *Gente das Areias*, em que relata sua experiência enquanto etnógrafo com a comunidade de pescadores tradicionais de Zacarias, em Maricá (MELLO, 2017).



Assim como mantém algumas técnicas tradicionais de cultivo, Guaritá mantém também um antigo hábito local, de se fazer festejos, com amigos e conhecidos, na roça. Ele relatou de histórias antigas, que também se ouvia de outros moradores antigos, de forrós que aconteciam no alto das serras e em áreas de acesso por trilha, não pelo isolamento, mas por naquela época haverem mais pessoas habitando estes locais afastados do centro, porém próximas do trabalho, nas roças e dos recursos naturais necessários para a sobrevivência. Naquela época não existiam estradas pavimentadas e luz elétrica.

Segundo contou, passa por sua propriedade uma trilha, que era utilizada pelos moradores do bairro, já que não havia estradas, para acessar o centro da cidade e os serviços, como educação, saúde e o centro comercial, para compra e venda de produtos. Existem em Maricá ainda, resquícios de trilhas e caminhos nas matas e morros, que eram outrora os principais caminhos. Não muito distante, no próximo vale existe na floresta uma antiga estrada relativamente larga, que possivelmente era utilizada por tropeiros ou para acesso de áreas de produção de cana e banana. Ela contém duas pontes antigas de pedras redondas e polidas de rio e algumas estruturas, construídas possivelmente por mão de obra escravizada, que hoje estão abandonadas e esquecidas, na mata regenerada, sendo utilizadas apenas por trilheiros e criadores de gado das serras. Junto com estes resquícios de antigos caminhos, restam ainda, como memoriza Guaritá, resquícios dos antigos nomes dados para cada localidade, que hoje, são desconhecidos para a maioria da população ou de cuja origem poucos se lembram.

Do alto da serra, Guaritá apontou para o vale abaixo, dizendo que no local de uma grande área verde florestada era possível ver o caminho principal de acesso, junto a um vasto bananal e um córrego, hoje invisível sob a copa das árvores que tomaram para si a área, anteriormente sob intenso manejo. O caminho principal ao qual se referia, hoje é uma pequena trilha, utilizada apenas por poucos moradores que ainda atuam no manejo, na produção e na pecuária, ou ainda, caçadores, comuns até os dias atuais, e com os quais Guaritá tem conflitos em sua propriedade.

Existem relatos de que naquela época, por um motivo desconhecido, moradores ocupavam o alto das serras, de difícil acesso por trilhas e distantes do centro, com simples casas de pau a pique. O próprio Guaritá, relatou este comportamento dos antigos moradores, se perguntando o motivo e especulando se era assim por causa de inundações nas áreas planas de beira de rio. Tais relatos se confirmam por histórias da família de Cambucá, cuja falecida esposa, era filha de um

senhor que morava no alto da serra, cuja fundação de casa ainda pode ser encontrada na mata, nos limites da propriedade de Cambucá. Abriam-se picadas da casa de Cambucá para acessar a casa de seu sogro. Segundo relatos, este senhor costumava andar descalço pela floresta e era manco, por ter sofrido picada de Jararaca em mais de uma ocasião.

Naquela época faziam-se mutirões para manter abertas as trilhas e caminhos, que ocasionalmente fechavam de capim, como relatam diversos moradores antigos. Guaritá também descreveu com nostalgia um mutirão que ocorria com frequência na sua juventude, da colheita e da debulha do feijão Guandu, ocasião na qual se juntavam diversas pessoas para separar a casca do feijão, onde contavam-se histórias, notícias e piadas. Apesar da nostalgia do passado, Guaritá sempre acrescentava a dureza daquela época, de trabalho, das dificuldades de acesso aos serviços básicos e da sobrevivência como um todo.

### **Memória, Identidade e Paisagem**

Muitos autores de diversas áreas, como filosofia e sociologia, debateram sobre a memória e a identidade, delimitando-os, por meio da análise e da crítica. Tais debates nos servem, para gerar uma compreensão mais aprofundada da realidade e dos fenômenos históricos e sociais. Nesta seção será feita uma resumida síntese destes conceitos, relacionando eles com os relatos e as transformações sociais, a fim de que sirvam para aprofundar a compreensão do território de Maricá e sua história de forma integral.

Foram escolhidos como base teórica para esta análise filosófica dos conceitos e a sua ligação com as transformações históricas anteriormente descritas, os autores Maurice Halbwachs e Walter Benjamin. Para fazer uma ponte entre a análise e a integração da comunidade humana com a natureza, através do trabalho e do processo produtivo, serão também utilizados alguns textos de Walter Steenbock, autor e pesquisador da agroecologia, cujas obras trazem uma análise que permite uma melhor compreensão da relação do processo produtivo com o meio ambiente, dentro da linha de raciocínio filosófica do presente artigo.

No ensaio *O Narrador*, Walter Benjamin faz uma análise das mudanças sociais e do processo narrativo. Com a ascensão da burguesia e do capitalismo, os atos de narrar e de saber narrar histórias, entraram em decadência, por conta do declínio, do que Benjamin chama de experiência (BENJAMIN, 2014b). O declínio, da experiência e

da arte de narrar, entram em decadência por conta das mudanças históricas técnicas e produtivas, portanto, por conta da ascensão da industrialização, da informação e da jornalística, condicionada pelas mudanças no desenvolvimento técnico. A sabedoria contida nas narrativas arcaicas, pelo viajante que traz histórias de longe ou por aquele camponês fixado em seu território, que conhece suas histórias e tradições, foi gradualmente sendo substituída pela informação, auto-explicativa, representada pela forma de notícias e da jornalística. A arte de narrar, segundo Benjamin, tem suas raízes no trabalho manual. Neste sentido, as mudanças técnico-produtivas da sociedade transformam a própria forma de comunicação entre as pessoas.

A experiência, que historicamente sofreu um declínio, com as mudanças técnico-produtivas, é descrita por Benjamin como matéria da tradição, tanto num sentido individual, quanto coletivo (BENJAMIN, 2010b). A sabedoria contida nas histórias narradas não é auto-explicativa, portanto, exige assimilação e exige ser ouvida. Ela exige que o interlocutor participe em algum grau dos significados empregados. O ouvinte tece junto com a história o significado, a medida em que a memoriza. A memorização é um processo ativo de incorporação e não puramente passivo. O narrador, que já foi ouvinte, aquele que conta uma história, deixa nela sua própria marca, como o artesão deixa sua marca no artefato (BENJAMIN, 2014b). A narração é, portanto, uma forma artesanal de comunicação, característica de uma sociedade artesanal.

Segundo Halbwachs em *a memória coletiva* (HALBWACHS, 1990), o nosso meio social nos impõe imagens e impressões que se somam às lembranças. Somos um reflexo da história, apesar dela, mais ampla, estar mais distante que nossa memória coletiva. Esta, diferente da história, e das condicionantes sociais mais amplas, é tradicional, por se apoiar na materialidade dos grupos reais vivos e não na memória aprendida. A memória coletiva tem uma duração que corresponde à duração dos grupos, que do ponto de vista individual atravessam as pessoas. A memória puramente individual é ilusória, pois cada indivíduo da sociedade está constantemente atravessado por diversos grupos e correntes de pensamento determinadas. Suas memórias individuais estão sempre cobertas pelas coletivas e históricas. Neste sentido, a memória coletiva é um emaranhado de fios construídos coletivamente, que se sobrepõem, assim como a arte de narrar, criando um tecido complexo e do qual a memória individual não passa de um ponto de vista.

A identidade se dá por meio de afinidade com os grupos dos quais fazemos parte. Quando um grupo se desfaz ou se modifica, assim também a memória coletiva.

Neste sentido, quanto mais um grupo se distancia de nós, mais estranhas nós são as lembranças e a identificação com esse grupo. Quando esquecemos determinado período, foi por termos perdido contato com as pessoas ligadas a esse período em nossas vidas. Os grupos tradicionais, a exemplo dos relatos, tem seus ritos e rituais, para manutenção de sua própria permanência, contra o esquecimento, como o caso dos mutirões de debulha de guandu, onde se contavam histórias e notícias, ou de manejo e plantio de roças e as festas. A memória, a identidade de um grupo é criada e compartilhada por um determinado coletivo de pessoas.

Cada grupo tende a manter-se, a durar, aparentando-se fixo do ponto de vista da testemunha individual e temporal. Apesar de do ponto de vista dos indivíduos ela parecer fixa, o movimento e a transformação estão naturalmente impostas. Na sociedade moderna, pode-se dizer, os grupos tendem a ser mais efêmeros, pelas condições sociais determinantes. Num contexto tradicional, os grupos se modificam mais devagar, com o passar das gerações. A imposição de condições sociais determinantes exteriores podem gerar uma crise nos grupos, como no caso das transformações paisagísticas e sociais ocorridas em Maricá, que cessaram as possibilidades anteriores de identificação para introduzir condições novas, que obrigaram as pessoas a se reorganizarem.

Em *Sobre Alguns Temas em Baudelaire*, Benjamin faz uma análise mais aprofundada a respeito da memória individual no âmbito das filosofias do século XIX e primeira metade do século XX. Não nos caberia neste artigo trazer para a discussão os meandros da memória individual, mas nas comparações propostas por Benjamin em algumas partes do texto nos permite analisar a memória no âmbito do declínio da experiência, logo, da tradição e do caráter coletivo da memória, da transformação social da percepção, enquanto superestruturas sustentadas pelos processos técnico-produtivos.

O exemplo que Benjamin usa em seus textos é o advento da informação, da jornalística, que isola os acontecimentos e os separa, em vez de integrá-los na experiência dos indivíduos em forma de tradição (BENJAMIN, 2010b). A criatividade narrativa assim, entra em declínio junto com a experiência, proporcionando uma mudança histórica das formas de comunicação, atreladas aos processos técnico produtivos, que afetam os indivíduos e a coletividade. A informação é desta maneira, característica da sociedade de massas e da reprodutibilidade técnica industrializada, cuja duração é imediatista e que incentiva ao consumo. A informação, por ser isolada, perde importância rapidamente, tornando-se obsoleta, enquanto que a sabedoria

contida na história narrada, mesmo depois de milênios, contém em si o potencial de ser incorporada e apreendida (BENJAMIN, 2014a).

Sobre as mudanças das superestruturas ainda, em *O Flâneur*, Benjamin nos traz uma reflexão interessante ao nosso tema, no que diz respeito às mudanças históricas, através do advento das grandes cidades industrializadas, como Paris do início do século XIX. Os estímulos constantes nas cidades grandes, criam formas totalmente novas de relações e interações entre as pessoas, como o desenvolvimento do transporte público, no qual os trabalhadores pela primeira vez ficavam sob o olhar uns dos outros, às vezes por horas, sem se dirigir à palavra (BENJAMIN, 2010a). O frenesi da cidade, com seus barulhos e seu movimento estranho, pode ser comparado ao incômodo de Angico, que preferia andar nas matas do que nas ruas, por conta do barulho. Guaritá, apesar de ter se adaptado melhor às novas condições, também se sente em algum grau, diluído na massa crescente, ao não reconhecer mais as pessoas na rua. As novas condicionantes sociais impõem novas formas de ser das pessoas.

Em *Sobre Alguns Temas em Baudelaire*, a cidade, como descreve Benjamin, com seu ritmo frenético, barulhento e massivo, exige e favorece muito mais a visão do que a audição, diferentemente das cidades pequenas, cuja economia é baseada no artesanato, onde a comunicação é muito menos visual e mais auditiva (BENJAMIN, 2010b). Assim, as condições criadas pelos processos produtivos, da industrialização, da urbanização, da divisão do trabalho e de classes, transformam igualmente os processos da percepção, da comunicação e da memória, logo, das identidades e memórias coletivas.

O tempo imposto pelas mudanças na divisão do trabalho, como descreve Maurice Halbwachs (HLABWACHS, 1990), regulam a divisão social do tempo. As mudanças econômicas e sociais, que geraram o abandono das cadeias produtivas, em troca de empregos na crescente cidade, impõe um outro tempo sobre a população local, na medida em que regula suas vidas. A exemplo dos produtores, cada um apresentando diferentes percepções sobre a mudança temporal imposta pela divisão do trabalho urbano, com seu ritmo, cabe bem a memorizada frase de Cambucá afirmando que “Antigamente, nada acontecia, todos os dias eram iguais, e de repente, começou a acontecer tudo”.

Segundo Halbwachs (HALBWACHS, 1990), o lugar físico, o espaço e os objetos materiais, participam ativamente da significação da memória coletiva e da identidade dos grupos que com o meio se relacionam. Nos relacionamos com tanta

intimidade ao meio material que quando nos encontramos num lugar estranho, sentimos ter deixado para trás a nossa identidade. Neste sentido, as imagens do mundo são inseparáveis do eu.

A natureza dos objetos materiais associados a determinados grupos se explica pela natureza dos grupos. A permanência destes objetos também se regula pela duração dos grupos a eles associados. Os objetos materiais e o lugar que nos é íntimo leva a nossa marca e vice-versa, transforma nossa imagem. O microclima de determinado lugar, por exemplo, nos leva a construir casas de uma ou outra forma, de acordo com as características das sociedades e dos materiais disponíveis. Alteramos e somos alterados pelo meio material, o lugar.

A identidade e a memória coletiva não se dão apenas nos grupos reais, mas na materialidade do espaço, do lugar e nos objetos. Apenas para o grupo são acessíveis os significados associados ao lugar. Todas as ações do grupo, se traduzem por meios materiais, assim como as mudanças. Conforme ocorrem mudanças nos grupos, assim também na memória coletiva e no espaço material. Crises impostas por condições internas ou externas sobre o grupo ou o lugar, neste sentido, modificam não somente o grupo em si, mas transformam a memória coletiva em uma nova e alternam o espaço retroativamente. Como já citado, as condições históricas que determinaram Maricá, alteraram completamente as sociedades locais e o lugar, lançando para o esquecimento enorme quantidade de memórias coletivas e materialidade, que se reconfiguraram.

A construção coletiva das identidades está indissociavelmente ligada aos processos produtivos, dos meios e modos de produção, além da divisão do trabalho. A humanidade intervém na natureza, alterando-a retroativamente, pelo trabalho. Assim, a maneira como determinada sociedade se organiza em torno do trabalho, a partir dele, determina a sua capacidade de permanecer no território, de se reproduzir. Os conhecimentos, as práticas e os saberes tradicionais, do ponto de vista da permanência e da sustentabilidade, atrelados aos territórios e paisagens nas quais são construídos, através das gerações, precisam indissociavelmente estar acoplados metabolicamente aos processos ecológicos e naturais da paisagem.

O acoplamento estrutural é um conceito que Steenbock descreve como a integração metabólica e recíproca do homem com o meio natural (STEENBOCK, 2021). A acoplagem se dá por meio da ligação do trabalho com os processos ecológicos de determinado ecossistema, criando agroecossistemas que não destroem

ou interrompem a estrutura e função ecológica daquele sistema<sup>12</sup>. Em suma, a acoplagem estrutural se dá quando o processo produtivo funciona junto com os processos naturais. Muitas comunidades indígenas do Brasil, por exemplo, produziam e produzem seu sustento, permanência e sobrevivência, manejando as florestas, abrindo clareiras e plantando roças, sem destruir a capacidade reprodutiva da floresta. Ou seja, o processo produtivo humano está nestes casos atrelado ao processo produtivo da própria floresta, criando-se agroecossistemas muito diferentes daqueles da lógica de produção capitalista e colonialista, que derrubam a floresta e não a deixam voltar (STEENBOCK, 2013). Este tipo de produção indígena e agroflorestal, cria outras concepções mundo, muito diferentes das do mundo capitalista.

Os saberes e conhecimentos tradicionais, de atores inseridos em sistemas de manejo e de produção, quando analisados a partir desta perspectiva teórica, podem ser pensados também, como parte da construção coletiva, de memória e identidade, no sentido de que os saberes e a identidade, são coisas que se confundem. A identidade e a memória coletiva, de comunidades tradicionais, acoplada aos sistemas ecológicos, que compreende seu meio e sabe manejar e utilizar seus recursos, tem a capacidade de se reproduzir e de permanecer. A própria sobrevivência, neste sentido, está atrelada à formação de memória e identidades coletivas, na medida em que a identidade e a memória se dão no espaço e na paisagem.

Quando acontece a nível global, através do surgimento do capitalismo, uma fratura metabólica dos processos produtivos com os processos ecológicos, das práticas de manejo e de produção, da integração do trabalho com a natureza, ocorre a degradação, a perda de vida e da energia biologicamente acumulada e distribuída, portanto, das condições materiais de geração sustento real a longo prazo (STEENBOCK, 2020)<sup>13</sup>. A interrupção histórica dos modos de produção tradicionais, atrelados a determinado espaço, no âmbito da memória coletiva e da construção de identidade, tem, portanto, um efeito desterritorializador, de perda da identidade anterior e a sua mudança, pela reconfiguração, ressignificação e da incorporação das novas condições, mesmo que a população em questão não tenha saído fisicamente do seu território, como no caso de Maricá.

---

<sup>12</sup>Segundo Eugene P. Odum, a estrutura e função de um ecossistema correspondem respectivamente na sua composição estrutural, como em espécies, e seu funcionamento metabólico, através de relações e interações ecológicas (ODUM, 2001).

<sup>13</sup>Steenbock busca o conceito de fratura metabólica à partir da literatura marxista, mais especificamente em O Capital de Karl Marx, que descreve a desconexão do trabalho humano com o metabolismo da natureza como uma fratura (STEENBOCK, 2021).

Segundo Walter Steenbock, a partir do advento do capitalismo moderno, com as revoluções industriais e a partir da segunda metade do século passado, com a revolução verde, aconteceu uma desterritorialização em massa das comunidades rurais tradicionais a nível global, cujas práticas, conhecimentos e sistemas próprios de formação de identidade e memória, foram desacopladas dos processos ecológicos naturais, do funcionamento da natureza. Tais mudanças foram impulsionadas por empresas de ampla extensão de ocupação de terra, que concentram riquezas, ao mesmo tempo em que reduzem o trabalhador à mão de obra e a consumidor de seus pacotes. Estas, controlam, a semente, a terra, a tecnologia e a água, promovendo a degradação dos recursos e da energia biologicamente acumulada e distribuída, para gerar lucros massivos a curto prazo (STEENBOCK 2021).

### **Considerações Finais**

Voltando a Maricá, baseando-se nos relatos de campo e na pesquisa bibliográfica, além da discussão teórica, pode-se dizer que as comunidades rurais tinham maior capacidade de sobrevivência, do ponto de vista do acoplamento estrutural, apesar de estarem historicamente inseridas num contexto exploratório mais amplo. A divisão de trabalho seguia a lógica de produção colonialista e neocolonialista do esgotamento dos recursos e da exploração do trabalho, como o extenso plantio de cana-de-açúcar, processada em engenhos cujos remanescentes estruturais ainda existem e que foram no século passado fontes de poluição de cursos d'água (MELLO, 2017). Ou a criação de gado nas fazendas do período colonial, utilizadas como forma de domínio da paisagem e das pessoas, deixando as matas fragmentadas, utilizadas para caça, extração de lenha e outras formas de exploração (RIBEIRO, 1995).

De modo geral, os recursos naturais sofreram historicamente intensa pressão e uso. Havia, no entanto, tradicionalidades acopladas ao ecossistema local e seus microclimas, em pequenas comunidades de bairros, como no caso da comunidade de pescadores de Zacarias, que, desenvolveu toda uma concepção de mundo própria e que vivia e vive ainda em algum grau, em simbiose com a restinga e as lagoas (MELLO, 2017).

As condicionantes históricas nas quais estavam inseridas comunidades rurais no século passado, em Maricá, como o acesso à terra e ao trabalho, permitiram aos trabalhadores estabelecer em alguns casos, quando não totalmente, relações simbióticas com a natureza, das quais ainda se encontram resquícios, como a



produção voltada principalmente para a subsistência. Da mesma forma, é evidente a transformação do ecossistema mataatlântica, favorecendo pastos para criação de gado, e monocultivo de cana, permitindo a entrada de espécies nativas do cerrado, que crescem e vivem em pastos abandonados. É possível, no entanto, deduzir, como mostram os indícios, que as comunidades rurais, através da tradicionalidade, mantiveram ao longo da história, relações simbióticas com seu meio.

Os agricultores são acostumados a determinadas formas de cultivo, as vezes misturando técnicas indígenas e europeias, as vezes utilizando fogo, como os sistemas de coivara<sup>14</sup> e a pequena agricultura monocultural do solo exposto. Apesar de em alguns casos serem utilizadas técnicas que causem uma certa degradação, como erosão, em todos os casos relatados, os produtores faziam pequenas roças, principalmente para subsistência e comercialização de excedentes, com rotação de cultura e utilização de adubos orgânicos localmente disponíveis, além de pousio<sup>15</sup> para fertilização e recuperação do solo, existindo algum grau de integração com o meio ambiente. Tipicamente, em áreas ocupadas existia uma mistura de trilhas, clareiras cultivadas com roças de diferentes culturas e áreas em pousio, cercadas de floresta, com a qual se mantinha uma relação extrativista. O tamanho do manejo, destes produtores, se limitava a suas necessidades de sobrevivência. Historicamente, o declínio das comunidades rurais, pelo êxodo e da integração na vida urbana, permitiu uma certa regeneração da terra local, já que a maioria dos alimentos não era mais produzida localmente, tendo em vista que a população maricaense transitou de uma comunidade produtiva rural para uma comunidade consumidora urbana.

Torna-se evidente que os processos orgânicos de construção da identidade e da memória coletiva são indissociáveis das práticas e dos conhecimentos que as envolvem, no que diz respeito a sistemas de produção e manejo dos recursos naturais. No caso dos pescadores tradicionais, por exemplo, o manejo das lagoas era coletivo, abrindo-se conexões periódicas com o mar à base de mutirões e existindo constantes conflitos com empresas imobiliárias que, no século passado, aterraram as margens das lagoas e com o poder público, que intervinha no manejo das lagoas,

---

<sup>14</sup>Segundo Steenbock (2020), a agricultura em coivara é uma técnica agroflorestal típica das regiões tropicais, que consiste na abertura de clareiras em trechos selecionados de mata, onde a matéria orgânica é reduzida com queima controlada, para que sejam plantadas roças. Posteriormente é permitida a regeneração da floresta, sendo abertas clareiras em outros locais.

<sup>15</sup>Após um ciclo de roça, deixa-se a área parada, às vezes por anos, para que a vegetação espontânea recupere a fertilidade e qualidade do solo.

com a dragagem dos fundos, afetando a qualidade da água e da pesca (MELLO, 2017).

A identidade e a memória coletiva, construídas coletivamente, determinam e são determinadas pelas condições e possibilidades materiais de sustento. A urbanização e a expansão demográfica contribuíram para o declínio dos sistemas de produção tradicionais, integrados total ou parcialmente com os processos ecológicos e afetando assim as comunidades e a reprodução da sua identidade, saberes e práticas. A expansão urbana proporcionou ainda, a poluição trazida, junto com a cidade, dos rios, lagoas, mar, florestas, que anteriormente, apesar de estarem sob intenso manejo, permaneceram relativamente limpos se comparados com os dias atuais. A poluição dos rios mais especificamente é muito relatada por moradores antigos, que quando jovens eram próprios para banho e hoje são em alguns trechos, valões alimentados constantemente com esgoto, principalmente doméstico. Ou a recorrente mortandade de peixes nas lagoas ao longo do último século e desde então, que os pescadores tradicionais associaram e associam à expansão urbana (MELLO, 2017).

Segundo a nova proposta do plano diretor municipal, a administração pública deve compreender a necessidade de amortecer os impactos da expansão urbana, além de promover, com os recursos disponíveis, cadeias produtivas locais sustentáveis, de produção rural, de ecoturismo e a conservação ambiental aliada ao desenvolvimento econômico (MARICÁ, 2011b). Para tal, é necessário que sejam criados mecanismos sociais favoráveis à construção de identidade e memória coletiva, acoplados aos processos naturais e ecológicos de forma contínua, gerando mais segurança e soberania alimentar, além de uma economia mais duradoura e menos dependente dos combustíveis fósseis.

Tendo em vista que de maneira ampla as comunidades e trabalhadores intimamente ligados ao seu meio possuem, através das gerações, conhecimentos tradicionais, associados ao meio e a sua própria identidade, para que sejam promovidas no município, práticas produtivas de manejo sustentáveis, tais comunidades exercem um papel fundamental. Neste sentido, a memória coletiva remanescente precisa ser preservada. É necessário fomento, para que grupos se configurem e sejam capazes de absorver, de beber da memória coletiva e se reconhecer no espaço de forma que possam, não somente sobreviver e permanecer, mas de contribuir para a preservação dos recursos naturais do município.

De forma geral, são necessários projetos e políticas públicas que levem em consideração a relação íntima entre preservação, produção e a tradicionalidade. Desta

forma, podem ser criadas condições estáveis, com o auxílio do poder público, nas quais se configuram grupos como associações, cooperativas ou coletivos orgânicos não institucionalizados, com capacidade autônoma de se reconhecer e construir sua identidade e memória coletiva associada ao espaço material. Um exemplo disso é a associação dos pescadores, criada em Maricá, para integrar o trabalho pesqueiro e unir os trabalhadores, criando condições para sua permanência. É preciso o cuidado para que as relações do poder público não sejam estabelecidas unilateralmente com indivíduos, isolados do conjunto, para que não sejam promovidas cisões e crises nos grupos, fragmentando suas memórias e identidades, favorecendo uns e outros não.

É necessário que seja dada prioridade às comunidades tradicionais e suas memórias remanescentes, no sentido de que seja reconhecido seu valor de forma integral, para o município, o meio ambiente e o futuro do planeta. Seu reconhecimento precisa ser ativo e prático, para que a preservação se dê nas pessoas, no trabalho vivo e não como algo do passado, mas como algo que existe no presente.

O poder público, com suas várias instituições municipais e estaduais, além de federais, precisa ter o papel de garantir as condições estáveis necessárias, dar assistência em várias frentes, como educação, saúde e assistência técnica, através de profissionais especializados e manter um diálogo de reciprocidade, para garantir a integral preservação da memória e do processo de significação identitária próprio dos grupos. Desta forma, gera-se a oportunidade para que através da relação, seja estabelecido um diálogo que contribua para práticas sustentáveis de trabalho que garantam a repartição dos benefícios promovidos pelos conhecimentos tradicionais associados ao meio, para as comunidades e ao município (Ministério do Meio Ambiente, 2017).

### Referências Bibliográficas

\_\_\_\_\_. **Experiência e pobreza.** in: Obras escolhidas I. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 2014a.

\_\_\_\_\_. **O flâneur.** in: Obras escolhidas III. Tradução: José Carlos Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 2010a.

\_\_\_\_\_. **O narrador.** in: Obras escolhidas I. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 2014b.

\_\_\_\_\_. **Sobre alguns temas em Baudelaire.** in: Obras escolhidas III. Tradução: José Carlos Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 2010b.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Laurent León Shafter. 2a Ed. Editora Revista dos Tribunais: SP, 1990.

HOLZ, Werther; SANTOS, Q. Camila. **Notas sobre a dispersão urbana: o exemplo de Maricá - RJ**. in: Produção e gestão do espaço. 1 ed. FAPERJ: Niterói, 2015.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2022**. Acessível em: <https://cidades.ibge.gov.br>

MELLO, Marco Antonio da Silva. **Gente das areias**. 2 ed. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2017.

ODUM, P. Eugene. **Fundamentos da ecologia**. Tradução: António Manuel de Azevedo Gomes. 6 ed. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2001.

Ministério do Meio Ambiente. **Patrimônio genético, conhecimento tradicional associado e repartição de benefícios**. MMA: Brasília, 2017.

PREFEITURA DE MARICÁ. Plano Diretor. Produto 3. Caderno 1. **Apresentação e caracterização geral do município de Maricá**. Maricá: Secretaria de Urbanismo de Maricá, 2020. Disponível em: [https://www.marica.rj.gov.br/wp-content/uploads/2022/09/p3\\_diagnostico\\_tecnico\\_revfinal\\_27\\_11.pdf](https://www.marica.rj.gov.br/wp-content/uploads/2022/09/p3_diagnostico_tecnico_revfinal_27_11.pdf) Último acesso em: 19/10/2023

PREFEITURA DE MARICÁ. **Revisão do plano diretor de Maricá; produto nove**. Maricá: Secretaria de Urbanismo de Maricá, 2021b. Disponível em: [https://www.marica.rj.gov.br/wp-content/uploads/2022/09/P9\\_Minuta\\_pd\\_marica-rev-final-completo.pdf](https://www.marica.rj.gov.br/wp-content/uploads/2022/09/P9_Minuta_pd_marica-rev-final-completo.pdf) Último acesso em: 13/10/2023

PREFEITURA DE MARICÁ. **Fundo soberano de Maricá atinge R\$1,5 bilhão**. Maricá: Prefeitura de Maricá, 2023. Acessível em: [https://www.marica.rj.gov.br/noticia/fundo-soberano-de-marica-atinge-r-15-bilhao/#:~:text=Os%20repases%20ao%20fundo%20s%C3%A3o,R%24%2015%20mil h%C3%B5es%20ao%20m%C3%AA](https://www.marica.rj.gov.br/noticia/fundo-soberano-de-marica-atinge-r-15-bilhao/#:~:text=Os%20repases%20ao%20fundo%20s%C3%A3o,R%24%2015%20mil h%C3%B5es%20ao%20m%C3%AA.). Último acesso em: 02/02/2024

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras: 1995.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Sobre a autonomia de identidades coletivas: alguns problemas teóricos**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v13, n38, pp. 151 - 165. Rio de Janeiro, 1998.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória coletiva e teoria social**. Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra. Annablume, 2012.

STEENBOCK, Walter. **A arte de guardar o sol**. Rio de Janeiro: Bambual, 2021.

\_\_\_\_\_. **Agrofloresta agroecológica: por uma (re)conexão metabólica do humano com a natureza.** Guaju, Matinhos, v.6, n.2, jul./dez. 2020

\_\_\_\_\_, et, al. **Agroflorestas e sistemas agroflorestais no espaço e no tempo.** In: Agrofloresta, ecologia e sociedade. Curitiba: Kairós, 2013.

TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Estudo Socioeconômico 2004: Maricá.** Coordenadoria de Comunicação Social, 2004.